



Miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 6, número 1, Jan.-Abr. 2017

REALIDADE E IMAGINAÇÃO NA LITERATURA DO EXÍLIO EM *VIENTO DEL EXILIO*, DE MARIO BENEDETTI



REALITY AND IMAGINATION IN THE EXILE LITERATURE *IN VIENTO DEL EXILIO*, BY MARIO BENEDETTI

Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de ALMEIDA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS,
Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 27/01/2017 • APROVADO EM 19/04/2017

Abstract

The political climate of the Latin American countries in the last 50 years of the twentieth century had an immediate impact in the field of letters. This scenario of dictatorships, censorship, and persecution led many writers to believe in the transformative power of literature. Influenced mainly by the engagement function and critique of literature and contemporaneous to that period of the 60' until the last decade of that century, the literature considered of exile arises and after the removal experiences of their countries of origin, the literature that represents a moment of the writers' return, characterized by the Uruguayan writer Mario Benedetti as 'dis-

exile' literature. This literature of both moments registers the experiences, the reality experienced in their countries being revisited through imagination and memory. Given these assumptions, this paper aims to examine briefly some poems of *Viento del exilio* by Mario Benedetti, taking into account the strategies used by the author for the readers to foresee in the literary pages, the dreams, hope, disillusionment, memories, reminiscences of the reality of his country, while he still shares with his interlocutor the concerns and desires for the period of uncertainty in which he lives, exiled from his country.

Resumo

O clima político dos países latino-americanos nos últimos 50 anos do século XX teve impacto imediato no campo das letras. Esse cenário de ditaduras, censuras e perseguições levou inúmeros escritores a acreditar no poder transformador da literatura. Influenciados, sobretudo pela função de engajamento e crítica da literatura, surge, coeva àquele período dos anos 60 até a última década daquele século, a literatura considerada do exílio e, após as experiências de afastamento de seus países de origem, a literatura que representa um momento de retorno dos escritores, caracterizado pelo escritor uruguaio Mario Benedetti como literatura de “desexílio”. Essa literatura tanto de um, quanto de outro momento registra as experiências vividas, a realidade experimentada em seus países sendo revisitadas por meio da imaginação e da memória. Diante desses pressupostos, este texto tem o objetivo de examinar, por meio de reflexões em torno da memórias, de Maurice Halbwachs, de modo sucinto, alguns poemas da obra *Viento del exilio*, de Mario Benedetti, tendo em conta as estratégias utilizadas pelo autor para o leitor entrever, nas páginas literárias, o sonho, a esperança, a desilusão, as memórias, reminiscências da realidade de seu país, ao mesmo tempo em que divide ainda com esse seu interlocutor as inquietações e anseios pela incerteza do período em que vive, exilado de seu país.

Entradas para indexação

Keywords: Literature. History. Memory. Imagination. Exile.

Palavras-chave: Literatura. História. Memória. Imaginação. Exílio.

Texto integral

A América hispânica encontrou sua expressão. O mundo americano não representa mais mera visão folclórica ou encanto exótico: converteu-se em expressão autêntica de uma literatura que é instrumento de indagação vivencial e busca de raízes, indicando sua maturidade criadora.

Bella Jozef

Somos realidad y somos palabra. También somos muchas otras cosas, pero quién duda que ser realidad y ser palabra son dos apasionantes maneras de ser hombre.

Mario Benedetti

As últimas décadas do século XX evidenciaram um período de intensa maturidade literária. A diversidade da produção de escritores da Geração de 45 hispanoamericana e o “boom” levaram a literatura a sair dos limites hispânicos e alcançar o mundo ocidental, exibindo formas e temáticas que, além de evidenciar, criticava seus contextos.

Passada a maioria das perseguições e censuras provenientes dos regimes ditatoriais em grande parte dos países da América hispânica, como sugere Jozef (2005, p. 291) na epígrafe supracitada, a literatura passa a representar o mundo americano não apenas como um lugar exótico, mas como lugar de manifestação de experiências capazes de revelar sua história, inquietações e estéticas próprias. Para alcançar essa maturidade no final do século XX, foi decisiva a contribuição de escritores que, mesmo exilados de seus países em virtude das perseguições políticas ditatoriais, mantiveram suas memórias nacionais em suas escritas e manifestações distantes de suas nações. Essa produção literária tanto de escritores que permaneceram em seus países quanto dos que estavam no exílio dividia-se entre textos puramente ficcionais e textos engajados de teor crítico e de denúncia social, elaborados a partir do testemunho, direto ou indireto, de escritores coevos àquele contexto.

Ainda neste contexto de ditaduras, ao longo dos anos 1970 e princípio da década de 1980, tanto no exílio quanto no período de retorno a seus países, temos escritores que, engajados com a questão social, produziram obras significativas que, influenciadas também pela reflexão sartriana do papel engajado da literatura, testemunhavam ao mesmo tempo em que criticavam as práticas e consequências daquele momento. Como exemplo dessa trajetória de escrita, citamos o uruguaio Mario Benedetti, poeta nascido em 1920 e falecido em 2009, escritor e ensaísta, integrante da *Geração de 45*, a qual pertence também *Idea Vilariño* e Juan Carlos Onetti, entre outros. Considerado um dos principais autores uruguaios, Benedetti iniciou a carreira literária em 1949 e ficou famoso em 1956, ao publicar *Poemas de la Oficina*, uma de suas obras mais conhecidas. Benedetti escreveu mais de 80 livros entre poesias, romances, contos e ensaios, com traduções para mais de 20 idiomas, assim como roteiros para cinema. Sua vida profissional dividiu-se entre funções de escritório, redação de jornais e revistas, produção literária, magistério e militância político-partidária.

No início da década de 1970, participou ativamente da política uruguaia e, com o golpe de 1973, precisou exilar-se inicialmente na Argentina, passando ao Peru, ficando alguns anos em Cuba e, em seguida na Espanha. Seu retorno ao Uruguai acontece somente em 1983, dando forma ao momento chamado, literariamente, de “desexílio”. Conforme Portocarrero (1999), para Mário Benedetti, o retorno ao seu país de origem se constitui em um momento de adaptação pelo exilado que, muitas vezes, não se sente integrado mais a uma ou outra nacionalidade. A essa condição o

autor dá o nome de “desexílio”. Essa situação de retorno ao país de origem se torna motivo de muitas de suas obras posteriores. Com relação à produção artística, Mario Benedetti transitou por vários gêneros literários e formas de artes, sempre atento para o contexto sócio-político, defendendo uma utopia revolucionária não só por simpatizar com o governo de Fidel Castro, mas pela rejeição ao imperialismo norte-americano que assolava a América Latina.

De um lado, a obra literária do autor espelha a realidade do cidadão montevideano; do outro, os ensaios e os artigos jornalísticos revelam uma preocupação com a responsabilidade e o papel do escritor e do intelectual no compromisso com a verdade. Nessa perspectiva, entende a postura crítica como elemento de composição do próprio homem. São palavras do próprio autor: “Somos realidad y somos palabra. También somos muchas otras cosas, pero quién duda que ser realidad y ser palabra son dos apasionantes maneras de ser hombre” (BENEDETTI, 1993, p. 82). A expressão do autor revela a dualidade que compõe o homem naquele contexto: um sujeito afastado de sua realidade, de seu país, de sua pátria ao mesmo tempo em que é um sujeito capaz de dar forma a sua realidade por meio de memórias, palavras. Enfim, a realidade vivida ou imaginada nos anos de exílio ou mesmo de “desexílio”, isto é, as adaptações e as experiências a que o homem é submetido ao longo de sua existência manifestam e compõem a totalidade que caracteriza o ser humano.

Enfim, esse viver, escrever, rememorar compõe o cotidiano dos anos vividos no e após o período ditatorial. Como resultado de suas posições políticas, o afastamento forçado de sua pátria, Benedetti transforma o exílio em um tema recorrente de suas obras poéticas como *Poemas de otros* (1974), *La casa y el ladrillo* (1977), *Cotidianas* (1979), *Viento del exilio*¹(1981) e *Geografías (cuentos e poesía – 1984)*. Para Said (2003), etimologicamente, a palavra exílio vem do latim *exilium* e significa deportação, desterro forçado. Nessas obras nas quais as memórias de exílio são evidentes, o poeta estabelece considerações acerca do expatriamento forçado, analisando detalhadamente os impactos do desterro e das ações da ditadura sobre as pessoas e o país de origem. Assim, transitam pelos poemas os torturadores, os desaparecidos, os mutilados, os assassinados, as modificações na paisagem natal, as realidades, as experiências, os espaços vividos e imaginados.

No cenário das ditaduras da América Latina, o indivíduo que se negasse a estar de acordo com as regras impostas estava sujeito a penalidades dentre as quais se inclui o exílio. O exilar-se, voluntário ou involuntariamente, implica fratura, corte em relação ao mundo que lhe servia de referência, desintegração de uma estrutura individual e coletiva de valores. Costumes, tradições, família, carreira profissional, língua materna são deixados para trás de modo abrupto ficando ao exilado apenas memórias, imaginações. Edward Said, sobre o exílio, destaca:

Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são

permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 46).

O processo de enfrentamento das rupturas e consequências do exílio é ressignificado de modo diverso por cada exilado. Para Mario Benedetti, essa experiência foi tematizada em algumas obras, dentre elas, destacamos *Viento del exilio*, publicada em 1981, quando o escritor ainda encontrava-se exilado. O título da obra exhibe, através da metáfora da palavra vento, que aparece em vários poemas, as experiências pelas quais o autor passou no momento de afastamento de sua terra natal. O livro inicia-se com um poema homônimo da obra:

Un viento misionero sacude las persianas
no sé que jueves trae
no sé que noches lleva
ni siquiera el dialecto que propone. (BENEDETTI, 2000, p. 4).

Vê-se que a linguagem simples revela a angústia, a indecisão e a insegurança do poeta diante daquele lugar em que se encontra. Tudo é incerto, “no sé que jueves trae, no sé que noches lleva”. O desconhecimento tanto do presente quanto do futuro demonstra que o autor, ainda preso ao passado, à sua realidade vivida, às suas experiências na terra natal, faz com que acredite na transitoriedade daquele contexto em que vive. Essa metáfora do vento enquanto elemento de passagem é ratificada, por vezes, nos demais poemas. Dando sequência à argumentação nesse texto inicial:

lo curioso lo absurdo es que a pesar
de que aguardo mensajes y pregones
de todas las memorias y de todos
los puntos cardinales

lo raro lo increíble es que a pesar
de mi desamparada expectativa

no sé qué dice el viento del exilio. (BENEDETTI, 2000, p. 5).

A desilusão do poeta exibida nesse trecho contrasta com a sua esperança na efemeridade daquela situação de exilado exposta na primeira estrofe do mesmo poema supracitado. O discurso do vento, bem como a sua personificação “no sé qué dise el viento del exilio”, o coloca como um interlocutor que dialoga com a solidão e com as expectativas do eu lírico. No trecho anterior, o poeta revela a presença de mensagens, informações, certamente, realidades vividas, concretas de sua terra e sua família e, contrapondo, demonstra a existência de memórias, que, obviamente, vão compor o seu legado escrito durante o exílio. Com isso, percebe-se, portanto, que na poesia do escritor uruguaio, “a memória do exílio tanto é evocação simples – lembrança que surge como afecção – como construção a partir de uma busca ativa” (RICOUER, 2007, p. 37), dos eventos passados. Esta última não só no sentido de

preservar a recordação de tudo o que foi deixado no país de origem e, desse modo, resguardar os elos e afetos primários como também de impedir que o eu-lírico se esqueça dos motivos que o colocaram na situação de exilado, qual seja a violência e as perseguições perpetradas pelos governos militares, presentes no texto poético. A partir desses pressupostos, nota-se que, na poesia do exílio de *Viento del exilio*, Benedetti preserva no eu-lírico as contradições fruto das evidências vividas e imaginadas pelo próprio autor.

No poema *El imán*, as metáforas e a seleção do vocábulo se convertem em elementos poéticos sugestivos do estado do poeta, simbólicas da sua condição de exilado.

Aquí la soledad se pone oscura
el viento insiste al final del día
estoy cansado como después de un sueño
y aunque me gustaría brindar con alguien
bebo el vino en un vaso de vidrio arrugado. (BENEDETTI, 2000, p. 17).

O poeta está sempre ressaltando a sua solidão, essa sua condição de estrangeiro, estranho, forasteiro. Exprime sua sensação de desenraizamento de sua própria pátria, ao mesmo tempo em que evidencia o não pertencimento àquela nova cultura na qual se encontra exilado. O vento, novamente, que traz recordações, mas ao mesmo tempo traz esperança por simbolizar algo passageiro. A simbologia do ‘vaso arrugado’ demonstra as imperfeições, ou restrições, tanto daquela sua situação de exilado quanto da condição em que se encontra seu País. Palavras como “soledad”, “oscura”, “final de día”, “cansado”, ou seja, toda a estrutura dos versos concorre para denotar a condição de desesperança do eu-lírico. Nesse sentido, observamos que a composição do texto passa pelo critério imaginativo, mas também pelo tom testemunhal. Como argumenta Maurice Halbwachs, nessa literatura do exílio, “para algumas lembranças reais, junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias” (HALBWACHS, 1990, p. 28).

De modo sumário, podemos assegurar que o exílio na poesia de Mario Benedetti tem na pátria o seu tema principal, a qual, por metonímia, concentra todas as perdas sofridas: família, casa, cidade, trabalho, comunidade, paisagem. Interessante anotar a reflexão proposta pelo autor no poema *El paisaje*. Nele, o tom nostálgico e saudosista do poeta parece certificar uma mudança de comportamento e valores acerca dos elementos de sua terra neste momento que está exilado:

Durante muchos años
y tantísimos versos
el paisaje
no estuvo en mis poemas

vaya a saber
por qué. (BENEDETTI, 2000, p. 19).

Curioso que o próprio poeta constata uma mudança na concepção de seus escritos quando assegura que seus textos não possuíam paisagens, isto é, essas paisagens eram “eran hombres/ mujeres/ amores” (BENEDETTI, 2000, p. 19). Mas, de um momento a outra, sem nenhuma precaução a poesia “empezó/ a tener ramas/ dunas/ colinas/farallones” (BENEDETTI, 2000, p. 19) e volta sugerir não saber por que, mas logo adiante admite ser fruto de sua memória. Interessante anotar também que o autor nesses versos destaca, por meio da enumeração de espaços, certo primitivismo de sua terra natal. Vê-se aqui que, o próprio autor, nas falas do eu-lírico que nessa obra se confundem, admite a intercorrência da realidade e da imaginação convivendo mutuamente nas páginas confissão-ficcionais. Essa estratégia de rememoração no plano literário busca evocar elementos que o protejam das ausências do passado projetando-se sobre o presente. É evidente o impacto daquela situação sobre a subjetividade do poeta que passa a ressignificar os elementos de sua pátria-mãe, o verde, a natureza, a terra, os espaços de atuação, tudo que sugere a sua origem. Ocorre que a compreensão de que aquele é seu lugar vem a partir do distanciamento.

Em seguida, conclui o poema:

¿será que este paisaje
no quiere que sigamos
sin decirnos las claves?
¿o será que el paisaje
no quiere que me vaya? (BENEDETTI, 2000, p. 20).

As interrogações, comuns em textos de autores expatriados, evidenciam que não apenas o poeta sente aquele afastamento, mas também a sua terra, “¿será que el paisaje no quiere que me vaya”. Nota-se, nesse clima nostálgico, certa integração do eu-lírico a sua terra através da sua paisagem, do espaço real de ação do autor que agora se converte em memórias, em espaços imaginados. Enfim, mesmo durante a experiência do exílio e do “desexílio”, o escritor seguiu atento a sua pátria-mãe, a natureza, o homem montevideano e os conflitos e problemas da sociedade uruguaia.

Nota-se que a linguagem utilizada por Benedetti está assentada na simplicidade, na sintaxe direta, “comunicante”, expressão que ele mesmo usava para definir essa poesia, em contraposição a uma poesia uruguaia ainda presa às formas e temas clássicos. Conforme Benedetti, “*poetas comunicantes* significa, en su acepción más obvia, la preocupación de la actual poesía latinoamericana en *comunicar*, en llegar a su lector, en incluirlo también a él en su buceo, en su osadía, y a la vez en su austeridad” (BENEDETTI, 1974, p. 154, grifos do autor). Percebe-se que Mario Benedetti manifesta intensa preocupação com o poder de comunicação, de desabafo, de interlocução com o leitor que o texto literário possui. Dessa forma, ao adotar uma linguagem clara, transparente, capaz de comunicar os mais íntimos sentimentos, partilha com seu leitor as experiências entrevistadas na arte, sejam elas vividas ou imaginadas.

Além da atenção à função social da literatura, os estudiosos de seu trabalho sempre ressaltam que o escritor toca no essencial, sem rodeios, sem hermetismos, sendo, ao mesmo tempo, desafiador e instigador de uma reflexão: Conforme Alemany Bay (2000, p. 13):

Pero esta decisión le lleva también a utilizar un código fácilmente descifráble por el destinatario, a crear un lenguaje poético, narrativo o ensayístico accesible, una sencillez sintáctica cercana a lo coloquial sin perder la calidad de estilo que se le pide a la literatura.

Nesse sentido, essa leitura não pretende interpretar a obra de Mário Benedetti em uma perspectiva biográfica, mas sim ressaltar que o escritor soube se apropriar dos seus contextos para atribuir às vozes da ficção questões pertinentes ao trânsito entre nações, demonstrando uma visão na qual não percebemos acomodação. A partir desse pressuposto, o exílio é visto como um lugar de enunciação onde, por meio dele, a voz literária evoca, critica e questiona os discursos hegemônicos da cultura, da tradição e do poder.

Portanto, o escritor uruguaio, com sua ampla atuação e contribuição para o cenário literário uruguaio foi um dos relevantes escritores a materializar o reconhecimento da literatura hispânica como uma expressão autêntica de um povo, sobretudo naqueles difíceis períodos de perseguições ditatoriais. Demonstrando, através de seus escritos, como em *Viento del exilio*, as inquietações próprias de um sujeito que além de experimentar as restrições e censuras próprias daquele momento, faz de suas experiências e memórias um lugar no qual seu leitor entrevê as consequências sociais e políticas de um contexto histórico coletivo.

Por conseguinte, o reconhecimento da obra de Mário Benedetti faz dele um dos escritores mais conhecidos da literatura uruguaia contemporânea. Sendo assim, além de outras honrarias pelo conjunto de sua obra, ganhou o Prêmio Ibero-americano José Martí, em 2001; e o Prêmio Internacional Menéndez Pelayo, em 2005, que é dado em reconhecimento ao esforço de personalidades em âmbito artístico e científico em prol dos idiomas ibéricos.

Notas

¹ O ano da primeira publicação da obra é 1981 e a edição utilizada neste estudo é a de 2000.

Referências

- ALEMANY BAY, Carmen. **Mario Benedetti por Mario Benedetti**. Madrid: Ediciones Eneida, 2000.
- BENEDETTI, Mario. **El escritor latinoamericano y la revolución posible**. Buenos Aires: Editorial Alfa Argentina, 1974.
- BENEDETTI, Mario. **Perplejidades de fin de siglo**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1993.
- BENEDETTI, Mario. **Viento del exilio**. Buenos Aires: Plaza y Janés, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.
- JOZEF, Bella. **História da literatura hispano-americana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UERJ, Francisco Alves Editora, 2005.
- PORTOCARRERO, Melvy. **Mario Benedetti**, una narrativa del exilio. Montevideo: Amesur, 1999.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Para citar este artigo

ALMEIDA, Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes. Realidade e imaginação na literatura do exílio em *Viento del exilio*, de Mario Benedetti. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p. 112-120, jan.-abr. 2017.

A autora

Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida possui titulação de doutora em Literatura pela UNB e doutora em Literatura Espanhola pela USP. É mestre em Literatura Brasileira pela UFMG. Unidade de atuação: Docente do Departamento de Comunicação e Letras e do Mestrado em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Pesquisadora das relações de gênero, identidade, alteridade na ficção da literatura brasileira, espanhola e hispanoamericana. Atualmente, pesquisa a crítica produzida por Lúcia Miguel Pereira nas décadas de 1930 e 1940 e a literatura infanto-juvenil realizada por escritoras mineiras. Autora dos livros *O legado ficcional de Lúcia Miguel pereira – escritos da tradição*, e *“Por trás do véu e da espada” – o disfarce subjacente à representação das personagens cervantinas*, publicados pela Editora Mulheres, e *Crítica, poética e relações de gênero: uma releitura de Memórias de um sargento de milícias*, publicado pela Editora Annablume. Organizadora dos livros *Nas Margens do fato - escritos sobre as novelas, de Cervantes e Diálogos literários – a literatura do Século de ouro espanhol e as literaturas brasileira, francesa e inglesa* e *Relendo Dom Quixote – ensaios breves*, os três últimos publicados pela Editora Unimontes.